

A PUBLICIDADE NO PERÍODO MÉDICI: OS EFEITOS DA PROPAGANDA DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

Marise Rocha Morbach

Instituição: Universidade da Amazônia - UNAMA

RESUMO: *Na década de setenta, a Amazônia foi palco do mais ambicioso projeto de colonização agrária da história do Brasil República. O projeto teve por finalidade atrair 100.000 famílias de trabalhadores rurais do Nordeste e Centro-Oeste para áreas-chave da Amazônia. No intuito de realizar essa façanha, o governo Médici (1969-1974) apresenta um plano de integração nacional sob intensa propaganda. Essa propaganda tem por finalidade atrair as populações rurais, apresentando a Amazônia como um vazio demográfico: são terras sem homens, para homens sem terra. No contexto da ocupação, as técnicas de produção e reprodução de imagens assumem grande importância ao transformar em natural um processo intencional.*

Palavras-chave: Propaganda, Trabalhadores rurais, militares.

INTRODUÇÃO

No começo da década de setenta, a Amazônia foi palco do mais ambicioso projeto de colonização agrária da história do Brasil República. Com o objetivo de fixar à terra 100.000 famílias de trabalhadores rurais, militares debruçaram-se sobre o mapa da região e configuraram uma estratégia. Naquela estratégia desenhou-se um lugar e elaborou-se as idéias centrais do projeto de colonização. Era uma Amazônia sem homens para os homens sem terra do Nordeste e Centro-Oeste...

As transformações efetuadas na região produzem impactos gigantescos, impactos que foram se deslocando como os efeitos de uma bomba atômica. A velocidade das transformações e a espessa nuvem de esquecimento que foi se formando, na Amazônia, ao tempo das elaborações imaginárias do período militar, podem ser revisitadas na propaganda de ocupação. Através das lentes e das películas cinematográficas, da fotografia, do vídeo e da

elaboração de conceitos capazes de construir um lugar, os militares expõem seus métodos de ocupação.

Conceitos como “vazio demográfico” e “terras sem homens” ocuparam o imaginário coletivo, estabelecendo estreitas relações entre as metas de ocupação dos militares e os desejos das populações rurais. O tempo, rapidamente, desvelaria as reais intenções da ocupação. Elas se distanciariam, diametralmente, dos ideais de propriedade privada da terra, elaborados para os trabalhadores rurais, e retornariam à histórica política de exclusão a que são submetidas as populações rurais, no Brasil.

AMAZÔNIA: AS IMAGENS FALAM POR SI.

Em 1970, o Governo Médici promete terras para homens sem terras. A Amazônia ocupa o lugar do Paraíso. Um lugar não mais repleto, tanto de figuras míticas, ou lugar de eterno descanso e de delícias, mas um lugar para os pequenos e médios lavradores rurais que saem das suas áreas de origem (Nordeste e Centro-Oeste), embalados pelo sonho da posse de um pedaço de terra. O signo que amalgama o desejo é o discurso da integração da última fronteira-verde da nação ao processo de desenvolvimento que encanta os militares, no afã nacionalista.

As campanhas institucionais do Governo Médici produziram material publicitário sobre as grandes linhas de um projeto de integração nacional, cujo alvo eram as populações rurais. O crescimento das agências de publicidade, no Brasil, esteve em estreita relação com as campanhas dos governos militares, notadamente do Governo Geisel. As maiores agências do Brasil, entre 1970 e 1976¹, foram, respectivamente: MPM, Alcântara Machado, Periscinoto, McCann-Erickson, Mauro Salles, Interamericana, J.W.Thompson. A MPM, que elaborou a maioria dos anúncios governamentais, passou da 4^o posição, em 1974, para o primeiro lugar em 1976². Ora, o material produzido para as campanhas de divulgação dos planos de integração tinham como objetivo central a elaboração das condições essenciais ao processo de ocupação da região. Uma dessas premissas era apresentar as qualidades que a Amazônia possuía para abrigar as tensões em curso no Nordeste e Centro-Oeste. Slogans como, **Integrar Para Não Entregar** ou **Amazônia: Desafio Que Unidos Vamos Vencer**, representaram os emblemas daquela política de mão-dupla. Ao mesmo tempo em que se ocupava a superfície da floresta com os projetos rudimentares de colonização agrária, eram utilizadas modernas tecnologias de produção e reprodução de imagens para mapear os recursos minerais da Amazônia.

As fotografias apontam para a grandiosidade da estrada pioneira em selva, a Transamazônica. As fotos nos remetem ao slogan-chave da campanha publicitária que foi idealizada para atrair pequenos e médios lavradores ao sul-do-Pará, Rondônia, Roraima e Amapá: *INTEGRAR PARA NÃO ENTREGAR*. O slogan está repleto de significações. De um lado, ele reflete a velha preocupação de sucessivos governos pela posse efetiva do território amazônico, antes que grupos estrangeiros, guerrilheiros de países de fronteira e outros fantasmas ocupassem a região; por outro lado, tanto o Governo de Getúlio Vargas e seus sucessores, quanto os governos militares, estiveram embuídos pela compreensão da Amazônia como área-problema.

Esses elementos: homogeneidade, infinitude e o isolamento, são os emblemas apresentados pela aliança entre o Estado e a expansão capitalista. A idéia de se trabalhar a Amazônia da ótica da homogeneidade, do isolamento e da infinitude, reforça a perspectiva de uma interação planejada entre o homem e a natureza. Esse sentido, aliás, está por trás de todos os instrumentos de intervenção governamental, materializado através de alguns dos seus cânones, dentre esses o desequilíbrio regional, o vazio demográfico, a soberania e a segurança nacionais:

*“Guardaram sempre os Governos da Revolução a consciência de que o nosso tempo é um tempo de crise, **crise universal**, crise para cuja superação é mister mobilizar todas as reservas de imaginação, de energia criadora, e de espírito inovativo (grifo nosso). Souberam sempre os responsáveis pela ordem política instaurada em março de 1964 que se impunha assumir nova atitude em face dos problemas nacionais, a fim de modernizar o país e colocá-lo no caminho de sua vocação histórica.”*³

A crise a que se refere Médici, não se traduz nas imagens de seu governo, pelo contrário; a crise é universal, mas no que concerne ao Brasil, o momento é de ordem e progresso. O realismo imposto às ações governamentais encontra-se na ampla cobertura jornalística das atividades de Médici. As imagens que fazem parte do acervo o Arquivo Nacional, sob a rubrica de *Agência Nacional*, são grandiloquentes; o **imenso vazio** amazônico cai como uma luva, como as imagens que faltavam à concretização dos discursos. Essas imagens foram projetadas em sessões de cinema, como propaganda das ações de governo; além de pequenos documentários sobre as obras em andamento na Amazônia, tratores retirando grandes áreas de floresta, lavradores chegando nas agrovilas, Médici inaugurando

trechos da estrada **pioneira em selva**, mapas e reuniões. Todo o aparato mobilizado para a ocupação assume um caráter realista.

Esse sentido de integração da Amazônia tem, pela via tecnológica, um campo frutífero. É muito interessante constatar a quantidade de imagens aéreas que são veiculadas em qualquer reportagem sobre a Amazônia, assim como os tratores e demais maquinários utilizados nas aberturas de estradas. Essas imagens estão presentes em inúmeras publicações, desde os informativos de associações comerciais, até as grandes revistas de circulação nacional. Esse conceito, na propaganda de ocupação, constrói o real. A elaboração do sentido de homogeneidade, como efeito do real, aparece na fotografia do período. Esse sentido é bastante significativo; à partir de uma fotografia aérea da Amazônia é possível incorporar a qualidade de homogêneo à paisagem, pelo fato de que todas as partes ali se apresentam idênticas, aqui e ali entremeadas pelos rios, simples traçados de um mapa. Além disso, a própria configuração da foto passa a impressão de infinitude, já que não é possível traçar limites entre o que é, ou não, floresta (falando sobre a existência concreta de diversidade de vida), ficando apenas a visão de uma grandeza incomensurável. Essa região incomensurável é, também, isolada e esse é um dos elementos importantes para a elaboração da imagem. Como escreve Barthes: *o sentido existe sempre para apresentar a forma; a forma existe sempre para distanciar o sentido.*⁴

A construção de um governo tutor do cidadão se desenha com maestria nas campanhas publicitárias do Período Médici, mas o elemento desse discurso cuja imagem tem o poder de gestar uma nova fala sobre a região, é o **vazio**. Esse elemento permeia magistralmente as elaborações sobre o Mito, funcionando de maneira exemplar, ora como garantia de sucesso aos projetos de ocupação, ora para esconder as reais intenções dessas ações. Os militares estarão empenhados em descrever esse vazio como esperança, como possibilidade, como um novo lugar: a partir do vazio tudo pode ser construído. Não nos esqueçamos do slogan: **Amazônia, terras sem homens, para homens sem terra.**

Quando os militares apresentam o projeto de integração do vazio amazônico ao território nacional, o elemento indígena não aparece como obstáculo ao processo de ocupação, ao contrário, o Correio Aéreo Nacional e a FAB apresentam-se como prestadores de serviços para essas populações, oferecendo seus serviços para retirá-las do *isolamento* ao qual estavam submetidas. As comunidades que interessam aos militares apresentar como problemáticas, são as de pequenos e médios trabalhadores rurais, para eles, e por meio deles, as campanhas

publicitárias do período vão produzir significações. E, o que é muito interessante, rapidamente essas comunidades vão ser jogadas no esquecimento pelos setores oficiais, na condição de representantes desse ideal de brasileiro. Eles retornam à mídia nacional com o surgimento (sintoma) de que alguma coisa vai errada no campo. A violência sobre o trabalhador rural é o sintoma básico de que o modelo começava a ser demolido.

Na década de oitenta, na mídia internacional, são as comunidades indígenas que vão assumir este lugar. Vejamos: o vazio demográfico da Amazônia *só é comparável com as desérticas regiões polares*⁵, e, em menos de uma década, o vazio deixa de ser uma razão para os processos de integração da Amazônia, sendo substituído pelo problema da internacionalização da região. Vamos ao signo gestado nessa passagem de poder.

Duas questões devem ser colocadas: 1) os problemas agrários na Amazônia assumem um caráter muito violento, já na década de setenta, porém, estamos sob as botas dos militares, entre o arbítrio dos artigos institucionais e os fuzis da ditadura, além de, embalados pelos sonhos de grandeza do *Brasil que vai prá frente*; 2) aliados a estes fatores, na década de setenta, a Amazônia ainda está isolada do poder de disseminação da informação, as redes de televisão ainda não instalaram os seus tentáculos, e o rádio ainda é o meio de comunicação hegemônico. Esses fatos terão outra amplitude na década de oitenta:

“No campo das comunicações, os anos 80 foram marcados pelo mais avanço da história latino-americana. Assistimos a uma aumento singular do número de emissoras de televisão, o lançamento de satélites domésticos, o enlace mundial de satélite, a implantação e inserção na rede mundial de transmissão de dados, a introdução da TV a cabo, da TV por assinatura, a abertura de emissoras em UHF, a formação de redes regionais de televisão, a introdução de parabólicas em todo os países, e a entrada indiscriminada de equipamentos de telecomunicações e de radiodifusão por intermédio das corporações internacionais, com o beneplácito da maioria dos governos e apesar das leis e protecionismos .

*Com efeito, no campo dos meios de comunicação, os anos 80 marcaram a construção de uma vasta rede de normatização social sem precedentes, por meio da qual foram passados massivamente informações, valores sociais, formas estéticas, orientação de consumo e a construção sistemática e cumulativa de modos simbólicos e de relações sociais”.*⁶ (Regina Festa/Luiz Fernando Santoro, p. 179-180.)

Seguindo a trilha dessas reflexões, algumas ponderações se fazem importantes. A ocupação da Amazônia, pelos militares, via projetos de colonização agrária, não encontra precedentes na História, tal a vertigem das transformações que ela infere em menos de uma década. No contexto dessa ocupação, a sociedade brasileira se encontra mergulhada nos ideais da ditadura militar, sob a estética salvadora e homogênea do período. O *boom* das comunicações, no Brasil, está de braços dados com os anos oitenta, e a distribuição dos meios, de mãos dadas, com o governo Sarney.⁷ Os processos de mundialização da informação, nos quais a Amazônia estará inserida, também estão impregnados do imaginário elaborado para o período, não houve um momento de digestão dos signos do período militar. É sintomático que se fale tanto nos incentivos fiscais como uma política de usurpação do espaço amazônico, mas que não se aponte os responsáveis e suas reais intenções para a opinião pública. O período militar, na Amazônia, está encoberto pelo véu da conivência entre o poder público e os meios de comunicação. A distribuição de privilégios vai garantir a hegemonia dos grupos políticos que apoiaram o regime militar, com as posteriores concessões de canais de rádio e televisão.

NOTAS

1. Informações sobre o crescimento das agências em relação aos investimentos do Estado, cf.: Panorama Econômico, suplemento de O Globo, Rio de Janeiro, 26/ 5/1978,p.102.
2. Maria Arminda do Nascimento Arruda, A Embalagem do Sistema: A Publicidade no Capitalismo, pp.135,137 e 157.
3. Discurso de Médici na passagem do quarto aniversário de seu governo, transcrito do **Jornal do Brasil**, 31/10/73, 1º Caderno, p.3.
4. Roland Barthes, Mitologias, p.145.
5. Arquivo Nacional(RJ): Fundo/Coleção: Agência Nacional. Material Cinematográfico da Agência Nacional: 591 – (M 49) – 4027- A Transamazônica.
6. Regina Festa e Luiz Fernando Santoro, A TERCEIRA IDADE DA TV: O LOCAL E O INTERNACIONAL; p p. 179-180.
7. “No Brasil, o Plano de Distribuição de Canais e Frequências previa para a televisão, em 1988, um total de 319 espaços, dos quais 258 preenchidos até o final do mandato do presidente Sarney, restando disponíveis apenas 19,1% das frequências.”; In: Daniel Hertz;

”Quadro-síntese das concessões e permissões outorgadas durante o governo Sarney”, Mimeo, 1989. Apud: Regina Festa e Luiz Fernando Santoro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARGEMIRO, Ferreira. As Redes de TV e os senhores da Aldeia Global. In: **Rede Imaginária: Televisão e Democracia. Org. Aduato Novaes.** – São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **A Embalagem do Sistema: A Publicidade no Capitalismo.** São Paulo: Duas Cidades, 1985.

AUMONT, Jacques. **A Imagem.** 2^o edição. Campinas: Papyrus, 1995.

BARTHES, Roland. **A Aventura Semiológica.** Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1987.

_____, (1989) **Mitologias.** Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 8^o edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A.

_____. (1995) **O Grão da Voz.** Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. (1987) **O Óbvio e o Obtuso;** Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa - Portugal: Edições 70.

_____. (1993) **O Prazer do Texto.** Tradução: J.Guinsburg. 3^o ed. São Paulo. Editora Perspectiva,1993.

BARRETO, Kátia M. Mendonça. **Militares e Imaginário Político no Brasil.** GT09-33DC- Forças Armadas, estado e sociedade. XX Encontro ANPOCS - Caxambu, MG, 1996.

BENJAMIM, Walter. A Obra De Arte Na Época De Suas Técnicas De Reprodução; In: **Textos Escolhidos: (Os Pensadores).** São Paulo, Abril Cultural, 1980.

_____. **Documentos De Cultura, Documentos De Barbárie.** São Paulo: Cultrix/USP, 1986.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação.** Tradução De Guilherme João De Freitas Teixeira. Petrópolis; Editora Vozes, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **O Extremo Oeste.** São Paulo; Brasiliense, 1986.

_____. (1979) **Tentativas de Mitologia.** São Paulo; Editora Perspectiva, Coleção Debates.

_____.(1992) **Visão do Paraíso**: Os motivos Edênicos no descobrimento do Brasil. 5⁰ Edição. São Paulo: Brasiliense.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre: L&PM , 1981.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da. **Um Paraíso Perdido: reunião dos ensaio amazônicos**. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. LISBOA: Editora Vega, 1992 .— (Coleção Comunicação & Linguagens)

FESTA, Regina, **SANTORO**, Luis Fernando. A Terceira Idade da TV: O Local e o Internacional. In: **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. Org. **Adauto Novaes**. — São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**; Tradução Marina Appenzeller. Campinas- SP, Papyrus, 1996. (Coleção Ofício de Arte e Forma)

LEZAMA LIMA, José. **A Expressão Americana**; Tradução de Irlemar Chiampi. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.

MELLO, Alex Fiúza de. **Mundialização e Política em Gramsci**. São Paulo, Cortez, 1996 .

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia : o Conceito e a Paisagem**. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1958.

_____. **O Conceito de Amazônia**; In: Obras Reunidas de Eidorfe Moreira. 8v. Volume I. Belém, Editora Cejup, 1989.

MOREL, Edmar. **A Amazônia Saqueada**. 3⁰ edição. São Paulo: Global, 1984.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: A Natureza Humana**. Tradução Hermano Neves. 5.⁰ edição. Portugal, Publicações Europa-América, 1996.

MOUGEOT, Luc J A. O Despovoamento do Território Amazônico: Contribuições para sua Interpretação. Orgs. **Luc Joseph Alfred Mougeot e, Luís Eduardo Aragon**. Belém, UFPA/ NAEA, 1993.

MOURAN, Emílio F. (1991) Ecologia Humana, Colonização e Manejo Florestal; In: **A Desordem Ecológica da Amazônia**; Org. **LUIS E. ARAGÓN**. Série Cooperação Amazônica. Belém, UNAMAZ, 1991.

NERI, Frederico José de Santana, Barão de Santa-Anna Nery. **O País das Amazonas**; tradução Ana Mazur Spira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade, 1979.

NÚÑEZ, Estuardo. O Latino Americano em Outras Literaturas; In: **A América Latina em sua Literatura**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, Engrácia de. Ocupação Humana; In: **Amazônia: Desenvolvimento, Integração e Ecologia**. Org. **Enéas Salati**. São Paulo; Brasiliense/CNPQ, 1993.

PINHEIRO, Amálio. **Aquém da Identidade e da Oposição: Formas na Cultura Mestiça**. Piracicaba, Unimep, 1994.

PINTO, Lúcio Flávio. **Carajás: O Ataque ao Coração da Floresta**. 2^o edição. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.

PINTO, Neide G. de Freitas. **A Invenção Da Amazônia**. Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica. São Paulo:

REIS, Arthur Cesar Ferreira. **A Amazônia Que Os Portugueses Revelaram**; Brasília: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, Coleção Vida Brasileira, 1957.

SALATI, Enéas. Modificações da Amazônia nos últimos 300 Anos: Suas Consequências Sociais e Ecológicas; In: **Desafio Amazônico: O Futuro Da Civilização Dos Trópicos**. Org. **Sérgio S. Brito**. Brasília: Editora UNB/CNPQ, 1990.

SANTAELLA, Braga. **A Assinatura das Coisas: Peirce e a Literatura**. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1992.

_____. **A Cultura das Mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

SCHUBART, Herbert Otto Roger. Paradigma para uma Civilização Tropical. In: **Desafio Amazônico: O Futuro da Civilização Dos Trópicos**. Org. **Sérgio S. Brito**. Brasília, Editora da UNB/CNPQ, 1990.